



INFORMATIVO

O TUIUTI

**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do Brasil na I
GM**

ANO 2017

OUTUBRO

Nº 245

TOQUE DE “PRESENÇA DE EX-COMBATENTE”

Em Portaria 068, de 21 Fev 2005, o então Comandante do Exército criou o exórdio e toque de presença de Ex-Combatente nas solenidades militares dos dias 21 de fevereiro (Tomada de Monte Castelo), 5 de março (Conquista de Castelnovo), 14 de abril (Conquista de Montese), 28 de abril (Conquista de Fornovo) e 8 de maio (Dia da Vitória).

PORTARIA Nº 068, DE 21 DE FEVEREIRO DE 2005.

Cria o exórdio e o toque de “Presença de Ex-Combatente” e dá outras providências.

O COMANDANTE DO EXÉRCITO, no uso da atribuição que lhe conferem os arts. 4º e 19 da Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, tendo em vista o que prescrevem as Normas para a Preservação das Tradições das Organizações Militares do Exército Brasileiro, aprovadas pela Portaria Ministerial nº 264, de 13 de maio de 1999, e de acordo com o que propõe a Secretaria-Geral do Exército, resolve:

Art. 1º Criar o exórdio e o toque de “Presença de Ex-Combatente”, conforme as partituras anexas, com a finalidade de assinalar a presença de ex-combatentes em solenidades comemorativas das datas significativas da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Art. 2º O exórdio e o toque de “Presença de Ex-Combatente” serão executados, pelas bandas/fanfarras ou cornetas/clarins, nos dias 21 de fevereiro (Monte Castelo), 5 de março (Castelnovo), 14 de abril (Montese), 28 de abril (Fornovo) e 8 de maio (Dia da Vitória), e deverão ser precedidos do anúncio da presença dos ex-combatentes, conforme se segue:

“Encontram-se presentes nesta solenidade (formatura) ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira, criada por ocasião da 2ª Guerra Mundial. O Exército Brasileiro presta nesta ocasião a merecida homenagem àqueles que com sacrifício, bravura e glória, souberam defender a honra da Pátria e os ideais de liberdade e democracia”.

§ 1º Após o anúncio, será informado:

“Serão dados os toques de sentido e de Presença de Ex-combatente”.

§ 2º A tropa e os demais militares permanecerão na posição de sentido até o término do exórdio.

§ 3º A presente homenagem deverá ser o primeiro evento da solenidade, após a apresentação da tropa.

Art. 3º Estabelecer que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x

Na Portaria nº 100, de 12 Fev 2016, o Cmt Ex, Gen Ex Eduardo Dias da Costa Villas Boas alterou a Portaria original, determinando que em qualquer formatura do Exército que conte com a presença de um Febiano, serão executados o exórdio e o toque. Portaria publicada no BE nº 07, de 19 Fev 2016.

ALTERA O EXÓRDIO E O TOQUE DE “PRESENÇA DE EX- COMBATENTE” E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Descrição:

Altera os art. 1º e 2º da Portaria do Comandante do Exército nº 68, de 21 de fevereiro de 2005, que passa a vigorar com a seguinte redação.

Art. 1º Criar o exórdio e o toque de “Presença de Ex-Combatente”, conforme as partituras anexas, com a finalidade de assinalar a presença de ex-combatente em solenidades militares.

Art. 2º O exórdio e o toque de “Presença de Ex-Combatente”, serão executados, pelas bandas/fanfarras ou cornetas/clarins, nas solenidades militares, e deverão ser precedidos do anúncio da presença do Ex-Combatente, conforme segue:

§ 1º Após o anúncio, será informado:

- Em recinto aberto:

“Serão dados os toques de sentido, ombro arma¹, apresentar arma e de Presença de Ex-Combatente.

- Em recinto fechado:

“Serão dados os toques de sentido, apresentar arma e de Presença de Ex-Combatente.

§ 2º A tropa e os demais militares permanecerão na posição de apresentar arma até o término do exórdio.

(Gentileza do Membro-Efetivo da AHIMTB/RS Sr. Ricardo Moojen Nácul através do Facebook)

¹ Em recinto fechado (coberto) não existe o “Apresentar Armas”.

Aníbal e César: Uma análise contextual de seus feitos à luz da Nova História Militar

Rayanne Gabrielle

Quando pensamos nos grandes chefes militares da Antiguidade, vários são os nomes que nos vêm à memória: Leônidas, Alexandre, Dario, Aníbal, Cipião Africano, Júlio César... Para que sejam lembrados, no entanto, necessário conhecer os motivos que os levaram a alcançar o panteão dos líderes cujos modelos foram seguidos, algo bastante perceptível quando Frederico II e Napoleão, só para citar alguns exemplos, mencionam suas fontes de inspiração em Alexandre e César, respectivamente.

Dois deles destacaram-se pela ousadia, genialidade, disciplina, perseverança e habilidade política, dentro e fora dos campos de batalha, sendo que um podia ter alterado o rumo da História como a conhecemos se decidisse por ir além dos méritos que havia alcançado, e outro, quase um século depois, por abrir as portas para a crescente e ilimitada expansão de sua república consular, posteriormente uma ditadura governada por ele mesmo, e que se transformaria, pouco tempo após sua morte, no império mais duradouro da História ocidental.

Apesar desses pormenores, é difícil encontrar nos livros de História Geral ou História Militar a respeito das consequências das ações de Aníbal e César – os dois líderes mencionados – sob aquilo que chamamos de Nova História Militar.

Os questionamentos decorrentes da deficiência nesse campo de estudo a respeito das influências e consequências das batalhas que travaram e da participação político-social que tiveram em seus territórios de origem sobre as relações internacionais da época, sobre a economia e a cultura, sobre a psicologia e a construção da sociedade dos períodos em que se tornaram proeminentes como líderes militares ainda estão por se desenvolver.

É muito mais fácil encontrar textos referentes às batalhas em si, ao quantitativo dos exércitos que conduziram, às estratégias e táticas aplicadas, criadas e/ou desenvolvidas, dentre outros aspectos mais técnicos do que os teóricos exigidos pela historiografia militar de hoje, direcionados a uma abordagem multidisciplinar. Contudo, não é difícil encontrar explicações e hipóteses sobre a análise da atuação desses dois líderes militares em questão à luz dessas novas exigências.

Começemos por Aníbal (247-183 a. C.), antecessor a César por uma diferença de quase cem anos de existência. Nascido onde hoje é a Espanha, conquistada pelos cartagineses, seu maior e mais importante feito foi atravessar, desde a península espanhola, o território romano pelo norte, destacando-se na Segunda Guerra Púnica contra Roma ao vencer a Batalha de Canas em 216 a.C., na qual se estima o massacre de 40 a 70 mil adversários (BEARD, 2017, p. 144).

A partir dessa vitória, considerada impressionante e terrível em seu tempo, Aníbal foi instigado por seu oficial Maharbal a tomar Roma, enfraquecendo assim o poderio cada vez mais ameaçador proveniente da península itálica, o que, talvez, modificaria a forma como a História foi escrita. Aníbal não o fez e especula-se até hoje os motivos que o levaram a não atingir o coração do inimigo por completo. Segundo Gonçalves e Sant'Anna (2010, p. 77), o fato de Aníbal não ter seguido adiante com a invasão a Roma se deu “[...] pela deficiência de maquinários de cerco ou pelo erro estratégico que lhe custou a guerra”, além do cansaço de seus soldados logo após o fim da batalha do qual saíram vitoriosos. Para Garrafoni (2006, p. 65), o motivo foi de ordem moral, “[...] pois Aníbal não tinha intenção de ocupar Roma, mas de mostrar sua debilidade e a possibilidade de ser derrotada”, o que veio a ter efeito com a disposição de Roma em fortalecer-se militarmente para não sucumbir diante de nenhum outro inimigo de maneira tão deliberada.

Após esse episódio, os cartagineses sob sua liderança conquistaram e perderam para os romanos o porto estratégico de Tarento entre 207 e 202 a.C. e tiveram Cartago invadida pelas tropas

romanas lideradas agora por Cipião, o Africano. De 202 a 195 a.C., Aníbal tornou-se estadista, sendo bem-sucedido na administração e nas finanças da cidade cartaginesa. A inveja e a mentira de seus inimigos políticos o levaram a fugir, sob a acusação de conspiração contra os romanos, que seguiram em seu encalço. Após tanto fugir, refugiou-se na corte do rei da Bitínia, em 183 a.C., vindo a se suicidar com veneno aos 65 anos, para não cair injustamente nas mãos dos inimigos (MATYSZAK, 2013, p. 42).

Aníbal, por seus feitos, levou Cartago a um novo patamar na história antiga das civilizações que margeavam o mar Mediterrâneo. Depois dos destaques à Grécia e à Macedônia, esta tendo se tornado famosa graças à ousadia de Alexandre, o Grande, agora era a vez da cidade do norte da África deixar sua marca na história da região. O âmbito político mistura-se ao militar: como toda sociedade que se preze naquele período, Cartago não poderia ser diferente ao viver da guerra e de suas implicações, principalmente pelo fato de ter possuído e posteriormente perdido territórios estratégicos e vitais para a realização do comércio marítimo – principal atividade econômica – e para as comunicações com os demais portos marítimos distribuídos por todo o Mediterrâneo, como a Sardenha e a Sicília, ambas perdidas para os romanos. Por causa do comércio marítimo, Cartago destacava-se em batalhas de cunho naval, tendo vencido os romanos anos antes de Aníbal liderar um exército por diversas vezes. Isso não significa que os cartagineses não tenham se aprimorado na batalha terrestre: a prova disso se encontra na ocupação do que hoje é a península ibérica, a chamada Hispânia ou Cartagena, a nova Cartago, onde Aníbal nascera e aprendera muito bem a arte da guerra de seu tempo e a geografia de toda a região. Além disso, é notória a participação de diversos povos, preocupados com o crescimento do poderio de Roma, muitos deles mercenários, agregando-se ao exército cartaginês ao longo da marcha de Aníbal rumo à península itálica. Entre eles encontravam-se numídios, celtas, ligúrios, gauleses desertados do exército inimigo e espanhóis, além do apoio aberto e declarado de gregos e de tribos samnitas, ansiosos pela possibilidade de Aníbal invadir Roma logo após a vitória esmagadora na Batalha de Canas (MATYSZAK, 2013, p. 37), prognóstico que acabou por não acontecer.

No que diz respeito ao aspecto social, Cartago não era dotada de instituições fortes, muito menos com noção de civismo. Ao longo da narrativa de Aníbal, pouco se aborda a participação popular cartaginesa durante as campanhas no exterior, muito menos quando os romanos, sob o comando de Cipião, invadem a cidade e a colocam subjugada. Salvo a prática de rituais de sacrifício infantil em momentos de crise nacional – o que deve ter ocorrido bastante quando da invasão romana –, a população de Cartago preocupou-se com a manutenção do comércio e da administração local, enquanto seu general campeão tentava conquistar Roma do outro lado do Mediterrâneo, tendo tido ajuda de sua cidade natal uma única vez em toda a sua campanha (MATYSZAK, op. cit., p. 36). A relação com os vizinhos africanos no interior do continente era não só político-econômica, como cultural. Nesse último aspecto, Cartago sofria com a influência da helenização, mas irradiava um poderoso domínio cultural sobre esses vizinhos. Conforme continua Matyszak (op. cit., p. 27),

“[...] muitas cidades e povos nominalmente independentes estavam de fato dentro de sua esfera de influência. Apesar disso, Cartago nunca produziu um estilo distintamente próprio na arquitetura ou nas belas artes. E embora saibamos que existiam poetas e historiadores cartagineses, nenhum de seus trabalhos chegou até nós”.

Quando as campanhas lideradas por Aníbal chegaram ao fim, o experiente general brilhou ao governar Cartago com competência e disciplina, tal como liderou seu exército. Se ele conspirou contra Roma durante esse período ou não é outra história a ser investigada, podendo ser de fato uma invenção de inimigos políticos invejosos, provenientes das várias famílias oligárquicas que disputavam o poder em Cartago, ou uma intenção verdadeira do general. Como seu pai o fizera jurar na Hispânia ainda jovem, jamais deveria ser aliado dos romanos, devendo fazer-lhes guerra (GONÇALVES; SANT’ANNA, 2010, p. 76), a experiência ao longo da vida em disputa com Roma e a rendição

ante Cipião Africano talvez o tivesse feito mudar de ideia, poupando dessa forma uma subjugação mais sangrenta da própria Cartago ante o poderio romano.

O caso de Júlio César (100-44 a.C.) é bastante distinto, pois diferentemente de Aníbal, não precisou construir uma base sólida nacional de experiência militar, mas somente aprimorá-la e inová-la. Apesar de ser um nome proeminente quando se fala de exército romano, César não é o único, como demonstrara Cipião, o Africano, em relato anterior. Porém, foi o responsável por levar a arte da guerra e da política ao ponto de ser copiado e admirado por generais e estadistas de períodos posteriores. E nem mesmo imperador se tornara, ainda que alcunhado como tal e com um nome a virar título real.

Nascido em Roma, o aristocrata César começou bem sua vida político-militar. Nomeado governador (questor) da Espanha (69 a.C.), membro do triunvirato junto a Pompeu e Crasso e nomeado pelo Senado governador da Gália (59 a.C.), tornou-se famoso ao escrever o Comentário sobre a Guerra das Gálias, um verdadeiro relatório de suas conquistas militares na região, as quais compreendiam “[...] os países que se chamam atualmente a França, a Bélgica, a Holanda e a Itália do Norte, acima do [rio] Pó” (LISSNER, 1959), e atravessar dez anos depois o rio Rubicão, marchando sobre Roma, vencendo o agora inimigo Pompeu e tornando-se senhor da região. Em Alexandria, envolveu-se com a rainha Cleópatra, tornou-se ditador perpétuo de Roma após as campanhas na África e iniciou uma série de reformas populares que o levaram a morte a punhaladas dentro do Senado romano no ano de 44 a.C. Anos mais tarde, seu protegido, Otávio Augusto, tornar-se-ia o primeiro imperador romano, utilizando o nome de César como um título imperial e vingando sua morte.

Os feitos de Júlio César foram bastante complexos e carregados de um peso político sangrento, algo característico dos tempos em que o próprio ditador vivera dentro e fora de sua cidade natal. Roma, em sua época, vivia uma intensa crise, cujas

[...] instituições políticas [...], de escala relativamente limitada, haviam mudado pouco desde o século IV a.C. Mal conseguiam estar à altura de governar a península Itálica e eram ainda menos capazes de controlar e policiar um vasto Império. Como veremos, Roma confiava cada vez mais nos esforços e no talento de indivíduos cujo poder, lucros e rivalidades ameaçavam os próprios princípios sobre os quais a República se assentava. E não havia nenhum anteparo – nem mesmo uma força policial básica – para impedir que o conflito político descambasse para a violência política assassina em uma metrópole imensa, que abrigava 1 milhão de pessoas por volta do século I a.C., onde a fome, a exploração e as imensas disparidades de riqueza eram catalisadores adicionais de protestos, tumultos e crimes. (BEARD, 2017, p. 176)

Dessa forma, em meio a distúrbios diversos por poder, manchas de corrupção e alienação das necessidades da população, César se destacou como uma espécie de alternativa para solucionar a crise social, política e moral na qual Roma estava envolvida.

O civismo como elemento agregador da população e dos exércitos estava em segundo plano, abrindo espaço de forma forçada para os interesses pessoais, o luxo egoísta e as disputas individuais por prestígio e glória. O próprio exército fora dividido durante o triunvirato: os comandos militares deveriam ir para onde cada um dos três decidisse de forma particular, o que incluía até mesmo as orientações quanto às tomadas de decisão importantes (BEARD, op. cit., p. 175), menos pela República fragmentada e mais pela vontade dos líderes em questão. As vitórias militares alcançadas, ora do lado de César, ora do lado de Pompeu, revelam em suas bases o jogo de poder entre a aristocracia romana e o Senado composto por elementos dessa aristocracia, cuja balança pendia para um dos lados de acordo com o avanço da força da marcha de seus líderes e da consolidação de seu próprio poder enquanto tinham por meta atingir o coração de Roma.

Não é à toa que Lissner (1959) afirma que “[...] o Senado era corruptível, a Constituição estalava por todos os lados e as tribunas dos oradores estavam muitas vezes manchadas de sangue [...]”, uma clara alusão à violência presente na política romana da época de César.

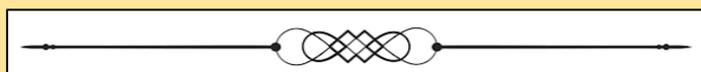
A relação com outros povos e civilizações estava marcada pela conquista. Roma tomara a decisão, antes mesmo de se tornar Império, de expandir seus limites dentro e fora da península itálica. As campanhas das Gálias e da África, ambas perpetradas por César, tornaram-se precursoras do que Roma deveria fazer e se tornar, sob a inspiração das leituras de Alexandre, o Grande, feitas pelo próprio ditador enquanto na Gália: um império capaz de subjugar a tudo e a todos. Para César, seu maior feito seria igualar-se, ou melhor, superar o jovem general macedônio, engajando-se em conquistas e alianças, cujo objetivo final seria tornar Roma a “senhora do mundo”, tal como a pequena Macedônia fora uma vez, ainda que por pouco tempo. No pensamento de César, o caso romano seria diferente: o futuro império seria duradouro, um prognóstico e tanto se formos contabilizar o ano de 1453 d.C. como o término do “império de mil anos” reinante sobre a Terra.

O plano cultural misturava-se a crise social, em constantes distúrbios. Os problemas enfrentados pela população fizeram figuras como Cícero se destacarem ao denunciar, do alto de suas tribunas, os males sociais e morais enfrentados pela República. Aliada ao militarismo crescente imposto pelos membros do triunvirato em guerra, a cultura voltaria a ganhar destaque com a ascensão de Roma à categoria de Império, no qual veremos a capacidade romana de alargamento e consequente projeção de suas fronteiras artísticas sobre os povos subjugados e escravizados.

Falar sobre César e Aníbal sob a ótica da Nova História Militar nos revela uma gama de assuntos, temáticas e perspectivas que devem ser bastante aprofundadas para ampliar, de forma considerável, as discussões a respeito das consequências de seus feitos e ideias além da órbita técnica da realização da guerra. Isso não se restringe a apenas esses dois grandes líderes militares e políticos, reconhecidos e invejados em seu tempo, reverenciados e copiados fora dele: vários outros merecem a mesma dedicação, análise e observação dos aspectos de seu tempo, seu contexto social, político, econômico, cultural e diplomático, como elementos capazes de influenciar as tomadas de decisão desses líderes, moldar seus pensamentos e transformar suas ações em prol de seus territórios de origem e os arduamente conquistados por eles. Também não significa que eles não possam ter influenciado seu próprio contexto histórico, chegando ao ponto de modificá-lo severamente. Tais mudanças, como percebidas nas biografias de Aníbal e César, resultaram em perseguição e morte, ora induzida, ora praticada covardemente, o que só fez imortalizar suas ações e colocá-los na memória histórica, perpetuada por séculos afins.

Referências:

- BEARD, Mary. **SPQR**: uma história da Roma Antiga. São Paulo: Planeta, 2017. Versão digital.
- GARRAFONNI, Renata Senna. Guerras Púnicas. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 47-76.
- GONÇALVES, Ana Teresa M.; SANT’ANNA, Henrique Mondanez de. As mandíbulas de Aníbal: os Barcas e as táticas helenísticas na Batalha de Canas (216 a.C.). In: CARVALHO, Margarida Maria de. et al (Orgs.). **História Militar do Mundo Antigo II**: guerras e representações. São Paulo: Annablume, 2010. p. 70-83.
- LISSNER, Ivar. César: o gênio universal. In: _____. **Os Césares**: apogeu e loucura. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.
- MATYSZAK, Philip. Vendetta: a longa luta de Aníbal com Roma. In: _____. **Os Inimigos de Roma**: de Aníbal a Átila, o Huno. Barueri, São Paulo: Amarilys, 2013. Versão digital. p. 21-42.



23 DE OUTUBRO - Dia do Aviador e da Força Aérea Brasileira - ORDEM DO DIA -

Há exatos 111 anos, um homem dotado de perspicácia, audácia e empreendedorismo, brasileiro como os mais de 200 milhões de habitantes que constituem a nossa nação, realizou o primeiro voo do mais-pesado-que-o-ar.

Os feitos de Santos Dumont revolucionaram a humanidade, e seus sucessivos projetos de balões e dirigíveis serviram de suporte para que o primeiro avião autopropeulsado finalmente ganhasse os ares.

Os passos dados por esse gênio reverberaram e motivaram muitos outros brasileiros que também ousaram, possibilitando que a aeronáutica brasileira se tornasse referência mundial.

Dentre eles podemos citar Eduardo Gomes, Casimiro Montenegro, Nero Moura, além de muitos outros não tão famosos, mas que ajudaram igualmente a edificar a nossa história. Espelho dessas personalidades que forjaram os valores e ideais da FAB, temos hoje os nossos militares, aqueles que voam e fazem voar. E é com grande alegria e orgulho que hoje celebramos esse marco histórico de Santos Dumont, ao comemorarmos o Dia do Aviador e da Força Aérea Brasileira. Trata-se de 76 anos de história, de um passado repleto de glórias e de um futuro muito promissor.

A difícil fase política e econômica por que passa nosso país não nos impede de mantermos o rumo para cumprirmos nossa missão constitucional. A resiliência, característica das Forças Armadas, nos impele a fazer o quase impossível dentro dos recursos que nos são disponibilizados, por meio da priorização de áreas fundamentais.

Visando canalizar os recursos para a atividade-fim, buscamos reestruturar nossa Força Aérea, modernizando sua estrutura administrativa em todos os níveis, concentrando as nossas unidades aéreas em um número menor de bases operacionais, otimizando os recursos humanos por meio da redução do efetivo e aumentando a participação de militares temporários, oriundos de nossas escolas técnicas e universidades.

E com essa visão de futuro se consolida o projeto KC-390, que vem alcançando resultados além dos esperados, demonstrando ser uma notável ferramenta que contribuirá significativamente com a execução da nossa missão de integrar o território nacional.

Paralelamente a esse importante projeto, realizou-se no dia 15 de junho deste ano o primeiro voo do protótipo da aeronave Gripen NG. O cronograma mantém-se inalterado e a primeira aeronave brasileira já toma forma na linha de produção da SAAB.

Na área espacial, importantes conquistas tornaram-se realidade ao ser lançado o primeiro Satélite Geoestacionário de Defesa e Comunicações Estratégicas, o SGDC, dando um importante passo rumo à independência tecnológica aeroespacial do País. Conquista essa que beneficiará não somente as atividades voltadas à segurança nacional, mas proporcionará grandes ganhos para inclusão digital, segurança de dados e melhoria na cobertura e capacidade de Banda Larga.

Esses três grandes projetos são componentes fundamentais para a continuidade da atuação da FAB nessa fabulosa área de 22 milhões de quilômetros quadrados sob nossa responsabilidade: a Dimensão 22. Na qual, homens e mulheres de nossa Força executam 24 horas por dia, 365 dias do ano, as ações de controlar, defender e integrar.

No compasso da Dimensão 22 e paralelamente à execução desses projetos, caminhamos em direção ao futuro da Força Aérea Brasileira. Nossos bravos "Soldados", homens e mulheres, seguem trabalhando diuturnamente nas inúmeras atividades de nossa instituição, prestando contínuo controle e defesa do nosso espaço aéreo, integrando o território nacional, transportando órgãos, realizando ações cívico-sociais e evacuações aeromédicas.

A flexibilidade da terceira dimensão, e a liberdade que o voo nos permite, induz o idealismo em nossas tripulações, instiga-nos a aceitar desafios e a sempre acreditar em nossos sonhos. Estamos seguros de que teremos a Força Aérea e as Forças Armadas que nossa nação merece, integradas e capazes de fazer frente às ameaças hoje invisíveis à nossa soberania.

Movidos pelo fascínio do voo do mais-pesado-que-o-ar, continuemos a honrar o legado de nossos antecessores e a ser exemplo de comprometimento à nossa nação, bem como de disciplina, idoneidade e amor à pátria.

Parabéns pelo Dia do Aviador!

Parabéns a toda a Força Aérea Brasileira!

Brasília, 23 de outubro de 2017.

Tenente-Brigadeiro do Ar NIVALDO LUIZ ROSSATO
Comandante da Aeronáutica



Você sabe o que é **Antiguidade**?

O significado da palavra Antiguidade faz referência a objetos do passado. Mas como conceito histórico, Antiguidade é um período da História do Ocidente bem delimitado, que se inicia com o aparecimento da escrita e a constituição das primeiras civilizações e termina com a queda do Império Romano, dando início à Idade Média. Tal conceito é de vital importância para a construção da ideia de Ocidente, da mesma forma que algumas noções correlatas, como clássico e antigo.

O próprio termo Antiguidade deriva de antigo, que, segundo Jacques Le Goff, é uma ideia extremamente atrelada ao Ocidente, quase sempre em contraste com moderno, também um conceito ocidental. Para esse autor, o Ocidente foi marcado, entre os séculos V e XIX, por constante oposição entre as ideias de antigo e de moderno, oposição que teve seu auge com o nascimento da modernidade no século XIX. (Fonte: Dicionário de Conceitos Históricos, Editora Contexto, 2010).



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Pres. da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Nossos sites:

www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS na EASA em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>

Site do Núcleo Militar em Gramado, RS:

www.nuclev.com